

Medir

Eis um trabalho importante, correcto, prudente.

Importante porque medir foi desde que começou a negociar a maior preocupação do homem que queria saber quando recebia, pagava, ou amealhava.

E até no falar isso se observa: na justa medida, incomensurável, desmedido, mede as tuas palavras, etc.

O acto medir representa avaliar, calcular, aferir, considerar, ponderar, ajuizar.

Medir pode ser material: medir o peso, a dimensão, a quantidade.

Medir pode ser espacial: medir o volume, a distância, o movimento, o tempo.

Medir pode ser sensorial: medir a luminosidade, o som, o ritmo, a temperatura.

Medir pode ser espiritual: medir a capacidade intelectual, a amizade, o amor.

Os métodos de medir variam. A aritmética lida com números; a geometria lida com a relação entre linhas e figuras; a álgebra lida com operações; a análise lida com a noção de infinito, com o cálculo.

Os teoremas estão presentes em todos os campos.

Ao passarem de puro a aplicado, todos esses processos são cúmplices das ciências, da Medicina à Astronomia.

Reconhece-se que nenhuma ciência pode dispensar o aval matemático. Donde a tendência para deificar o Deus número. Mas esse Deus tem pés de barro. Até o grande Isaac em cuja campa em Westminster Abbey está escrito: “Aqui jaz o que de Newton não foi imortal” é contestado. O mesmo aconteceu com sucessivas gerações de físicos até Einstein que, por sua vez, também não está imune porque a marcha do progresso é imparável.

As “verdades” são efémeras e perigosas e a Física é escrava dos caprichos da massa, da força, do tempo, do espaço.

Pensa-se hoje que há vários tempos; que a velocidade da luz não se encaixa na física clássica; que a gravidade não é uma força, mas uma deformação do espaço7 tempo provocada pela massa; que segundo a teoria da relatividade há uma relação inversa entre a velocidade e o tempo.

Explicando essa teoria usarei um modo bem actual género telenovela. Queria Einstein dizer que se uma jovem tia viajasse numa aeronave durante 50 anos terrenos à velocidade da luz, ao regressar encontraria as tias suas amigas, uns cacos com 50 anos

em cima e ela ver-se-ia ao espelho inalterada se não mais bonita, porque teria mais 5 anos.

E que dizer de uma ciência como a Medicina que lida com seres vivos?

A regra é não permitir que nenhuma investigação escape ao aval matemático. Mas pode perguntar-se se isto é suficiente. Se por vezes o dito aval não será apenas uma coincidência.

É aqui que intervém a Lógica, a mãe de todas as ciências à qual todas se devem submeter de acordo às leis da razão. Isto porque factos que passam o crivo da Matemática com uma correlação estatística positiva não estão, só por isso, obrigatoriamente relacionados pois nem sempre há entre eles um vínculo mas antes hipóteses falaciosas, impertinentes, arbitrárias¹. Nenhuma investigação deverá ser considerada verdadeira sem o aval matemático. Mas o contrário não é verdade e não é o aval que só por si a torna verdadeira.

E neste trabalho isso é bem exemplificado. Citam-se duas investigações em que foi encontrada associação positiva “entre o comprimento natal e o risco de ocorrência de cancro da mama na idade adulta” e noutra “entre a redução de comprimento natal e [...] o risco de esquizofrenia”. Terão estas associações mais lógica do que a correlação do comprimento natal com o vir a ser sócio do Benfica?

Por isso, é patente a corajosa delicadeza dos autores ao compararem os seus valores com os dos métodos padrão, dizendo que há outros métodos que oferecem “a certeza (ou quase) do diagnóstico”.

E não se trata aqui do “descarado heroísmo de afirmar” que falhou a Rapozão quando a titi descobriu a camisa de dormir de Mary².

Trata-se da segurança que merece uma investigação rigorosa e honesta.

Outubro de 2006.

J. M. Ramos de Almeida

Bibliografia

¹. Ramos de Almeida JM. A Rota da Experiência, Vício de Pensar, Lisboa, Grifo, 1998.

². Eça de Queiroz. A Relíquia, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1927.